



SUPERIORIDADE DE RAÇA ANGLO-SAXÔNICA E MISSÕES DOS BATISTAS AMERICANOS NO NORTE DO BRASIL (C.1850-1900)

Jéssica Mendes Dias¹

Resumo: O presente artigo teve como base a pesquisa homônima de Iniciação Científica realizada no âmbito da Universidade Federal do Amapá entre 2015 e 2016. Nesta ocasião, eu investiguei o cenário intelectual, político e religioso que motivou a vinda de missionários batistas estadunidenses, sobretudo do Sul dos Estados Unidos, para o Brasil. Além disso, a tratou especificamente do trabalho desempenhado no Norte do país e do projeto desse grupo religioso, que unia, de forma paradoxal, um nacionalismo em torno de uma pretensa origem anglo-saxã, tal como das noções de destino manifesto e “povo eleito”.

Palavras-chave: História, Usos do passado, Batistas, Saxões

Abstract: The following article was based on the homonymous Scientific Initiation research conducted inside Universidade Federal do Amapá between the years of 2015 and 2016. Back then I investigated the intellectual, political and religious conditions that motivated American baptists missionaries, in particular those from the Southern USA, coming to Brazil. Furthermore, the aforementioned research has dealt specifically with their work in the Northern region of the country and this religious group’s project which conjoined, paradoxically, a form of nationalism around their alleged Anglo-Saxon origin such as the notions of a manifest destiny and an “elected people”.

Keywords: History, Uses of the past, Baptists, Saxons

Herbert Baxter Adams (1850-1901), um dos mentores do famoso historiador americano Frederick Jackson Turner (1861-1932), acreditava que todas as instituições americanas deitavam suas raízes nas assembleias populares europeias medievais, enfatizando as instituições de origem germânica (THE ENCYCLOPEDIA AMERICANA, 2016). Assim, os princípios da democracia foram levados à América com os imigrantes. Um exemplo interessante deste pensamento está na obra *The Germanic origin of New England Towns* (1881), lida diante da Harvard Historical Society. No frontispício da obra, Adams citou uma frase de Edwards Augustus Freeman (1823-1892) que compeliu o restante do trabalho: “Se você deseja ver a velha Inglaterra, você deve ir à Nova Inglaterra”. Tal preceito sintetizou a ideia central da pesquisa (BURROW, 1981, pp.155-191; FREEMAN, 1883, p.52) .

Estas razões intelectuais também foram expressas em termos religiosos. Como demonstrado por George Huntston Williams em meados do século passado, o “modelo hebraico”, a saber, uma espécie de nostalgia idealizada da fronteira Oeste, teve um papel fundamental no cenário político-religioso do país. Assim, a experiência fronteiriça equivaleria aos quarenta anos dos hebreus no Egito e Palestina. O “deserto” americano, portanto, seria não apenas um espaço de confronto, mas que demonstraria os verdadeiros homens (WILLIAMS, 1962, pp.98-137; WHITE, 1965, pp.192-193).

Deste modo, nada era mais natural que, após a consolidação da obrigação apostólica em solo estadunidense, o esforço missionário abrisse seus braços para o restante do mundo, como os religiosos e laicos da Idade Média fizeram. Um personagem que concentrou essas diferentes noções foi Josiah Strong (1847-1916), clérigo influente no contexto estadunidense. Certamente não se tratava de um clérigo comum, pois ele era amigo do presidente Roosevelt.

As ideias de Strong estão expressas em sua obra mais famosa, intitulada *Nosso País: sua possibilidade futura e a crise presente* (1885), escrita poucos anos após a *Da Origem das Espécies* de Darwin. Os perigos para a sociedade americana incluiriam as influências estrangeiras proporcionadas pelas migrações do final do século XIX, com grande composição “romanista” (católicos irlandeses e italianos). As cidades eram,

¹ Graduanda em História pela Universidade Federal do Amapá/Campus Binacional do Oiapoque.

nestes termos, perigosas, pois atraíam não-saxônicos católicos beberrões com tendência ao socialismo.

As soluções ao impasse proporcionado pelas mudanças estava no cerne das qualidades americanas: “Eu escrevi que as duas grandes necessidades da humanidade, que todos os homens possam ser erguidos para as luzes da mais alta civilização cristã, são: primeiro, um cristianismo puro e espiritual, e segundo, a liberdade civil” (STRONG, 1891, *online*).

Preocupado com a pretensa maioria americana “pura”, Strong, reforçado por uma leitura *sui generis* das conclusões de Darwin, evocou o vigor do povo anglo-saxão, i.e., grupo mais energético, incansável e corajoso entre todos os europeus que emigraram. Como pretensamente os saxões mantiveram seu sangue “limpo”, sem misturas, diferente de outros impérios, os estadunidenses seriam os mais cotados para atender o chamado divino da conversão do mundo para a verdadeira mensagem cristã.

A partir disso, esses homens começaram a espalhar a boa nova pelo mundo: missionários foram enviados para a Ásia, África e América do Sul. Na porção meridional do continente americano, uma parte em especial atraía a atenção desses homens: a Amazônia. Tão logo fosse possível, homens e mulheres foram deslocados para Belém, a principal cidade do Norte do Brasil, com o intuito de espalhar a mensagem cristã batista. Mas como eles fizeram isso? E sob quais bases essa pesquisa foi proposta?

Fontes e método

As fontes usadas fazem parte da *Southern Baptist Historical Library and Archives*, uma base de dados virtual que conta com jornais, revistas e outros documentos. Os arquivos encontram-se digitalizados, com possibilidade de OCR (reconhecimento óptico de caracteres) e disponíveis *online* numa base de dados com busca por diversos critérios, como nome de missionários, países, ano de publicação etc.

O método escolhido para levar em conta os relatos produzidos no século XIX foi a *análise semântica*, a partir da relação do discurso do emissor-significado, que leva em conta o contexto histórico, material e social de dada época (BARDIN, 1970; MAINGUENEAU, 1996, p.6; LACOUTURE, 1998, pp.231-232). A partir disso e da

análise contextual prévia, foi produzido um sumário de palavras para produzir uma análise qualitativa do material encontrado.

As palavras elencadas nos jornais foram principalmente as que seguem: *Brazil*, Belem, Manaus (e Manaos [sic], conforme a grafia da época), *anglo-saxons*, *saxons*, *saxon*, *Amazon*, *amazonic*, *indians*. A partir delas, foram selecionados os jornais com notícias relevantes. Inicialmente pensamos em utilizar as fotografias usadas nos jornais, mas, infelizmente, a digitalização e o tempo não as conservaram adequadamente.

A busca empreendida na base de dados dos batistas do sul foi bastante satisfatória. Inicialmente foram selecionados quase setenta edições dos jornais de missões entre 1850 e 1900. Uma posterior análise qualitativa desse material reduziu, todavia, o interesse em pouco mais de vinte jornais com informações mais ricas sobre o trabalho realizado pelos missionários no Norte do Brasil. Seja como for, percebi, junto com meu orientador, que houve uma intensa produção textual no período pelos batistas, o que demonstra uma preocupação particular com a missão batista no Brasil, proporcionalmente uma das mais ativas na América do Sul.

Diante do exposto, foi possível identificar o impacto do cenário intelectual e ideológico americano entre os missionários, como será exposto a seguir, tal como as ideias motivadoras desses missionários no Norte do Brasil. Outrossim, foi aberto um campo de estudos que abarcasse também o Platô das Guianas, preocupação em curso em outro esforço de pesquisa.

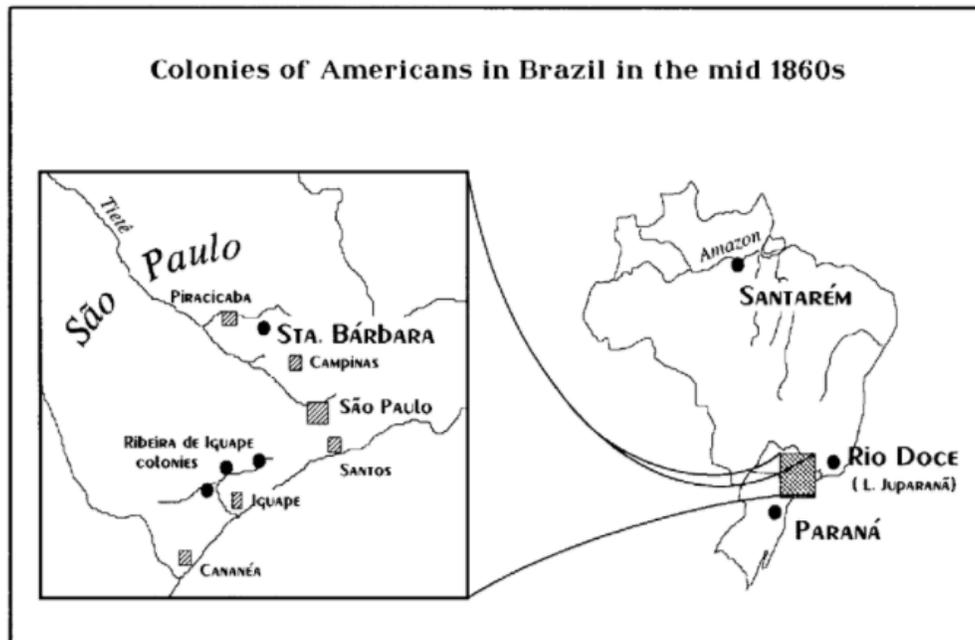
A missão batista do sul no Brasil

Segundo Zaqueu Moreira de Oliveira, os Batistas do Sul sonhavam em enviar missionários ao Brasil desde 1850. Todavia, o primeiro missionário, Thomas Jefferson Bowen, foi enviado ao país somente em 1860. Ele já tinha participado de missões na África e a Convenção Batista do Sul considerou que ele poderia converter os escravos brasileiros graças a essa experiência pregressa (2003).

A respeito do regresso de Bowen aos Estados Unidos, Wagner Duduch considera o motivo como um caso de doença. No entanto, ao apresentar os escritos de Bowen, Zaqueu Moreira de Oliveira rebate esta afirmação, pois a vontade da Convenção não estava de acordo com a de Bowen: seus relatos a respeito de sua vinda

ao Brasil não se mostraram promissores. Ele comentou que não seria valioso implantar naquele momento ou posteriormente missões batistas no Brasil (OLIVEIRA, 2003).

De fato, em cerca de 1860, vários estadunidenses inconformados com as mudanças políticas e sociais do país procuraram o Brasil como válvula de escape e rota de fuga, formando colônias em Juquiá (Paraná), Santa Bárbara (São Paulo), Rio Doce (Linhares, Espírito Santo), Santarém (Oeste do Pará) e Rio de Janeiro (DAWSEY & DAWSEY, 1995: 1-22).



Mapa 1 – As principais colônias americanas no Brasil em meados de 1860. **Fonte:** Dawsey & Dawsey (1860).

Por esta razão, dez anos depois, em Setembro de 1871, foi organizada a Primeira Igreja Batista pelos batistas do sul emigrados para o Brasil em Santa Bárbara D' Oeste, São Paulo. Eles vieram após a derrota dos Estados americanos do Sul na *Guerra da Secessão*, motivados pela insatisfação com o desfecho do conflito e pelas oportunidades de trabalho nas indústrias recém-instaladas no Brasil, assim como pelas ferrovias e empresas de gás e eletricidade que começaram a surgir nas principais cidades brasileiras.

Apesar dos esforços para a implantação das igrejas e a vinda dos missionários, o primeiro brasileiro foi batizado em Santa Bárbara somente em 20 de Junho de 1880, ou

seja, nove anos após a criação desta primeira Igreja (OLIVEIRA, 2003). Isso demonstra que os templos e as missões não pretendiam realmente converter os brasileiros num primeiro momento, mas atender os imigrantes americanos. Neste contexto podemos identificar a união de questões econômicas e religiosidade.

Embora pouco presente nos jornais, é possível identificar a implementação da superioridade racial anglo-saxã na missão evangelizadora batista em terras brasileiras. Elish Hoton Quillin (1822-1886), um destacado missionário do contexto, escreveu em 06 de Maio de 1880 sobre o potencial brasileiro a partir da intervenção americana; a mudança, no entanto, dependia do “tato e talento anglo-saxão [sic] [...] pesadamente investidos no desenvolvimento do país” (QUILLIN, 1880: 10). Ele ainda tinha esperança que o trabalho americano depurasse o Brasil das trevas do “romanismo” (catolicismo), um sinal do avanço civilizacional e propositivo a partir da iniciativa norte-americana (QUILLIN, 1880: 11).

O depoimento de Quillin, um dos precursores da missão batista no Brasil, reforça que o elemento anglo-saxão, por vias raciais, como exposto outrora, mas também pela questão religiosa, como o esteio do desenvolvimento brasileiro. Outro depoimento neste tom é o texto “luz no vale amazônico” de Solomon Ginzburg (1867-1927), publicado pelo Jornal da Missão Estrangeira em Julho de 1897.

Ao descrever o estupor provocado na infância das informações sobre a vastidão de florestas do Norte do Brasil, Ginzburg afirmou que estava estimulado desde a aurora da vida a “viver entre esses filhos da selva, não explorada e não descoberta, a terra da Amazônia” (SOUTHERN BAPTIST CONVENTION, 1897, pp.34-35). A óbvia conclusão era que o vale amazônico permanecia inicialmente pouquíssimo explorado à causa missionária, o “canto mais desprezado no Continente negligenciado” (SOUTHERN BAPTIST CONVENTION, 1897, pp.34-35).

No entanto, algo havia mudado: um casal, por livre iniciativa, teria ido para Belém do Pará no intuito de “trabalhar ali por Jesus” (SOUTHERN BAPTIST CONVENTION, 1897, pp.34-35). Eram eles Eric (ou Eurico) e Ida Nelson, ambos de origem sueca, mas que viveram desde a infância no Estado do Kansas, Estados Unidos.

Vivendo da venda de Bíblias, Testamentos e textos religiosos, enfrentando o preconceito, o clima e as doenças, o casal não esmoreceu. Nem mesmo o fato de Eric não ser ordenado impediu o trabalho do casal: em Fevereiro de 1897 ele batizou os

primeiros irmãos desta igreja em formação nas águas do “poderoso rio Amazonas [sic]” (SOUTHERN BAPTIST CONVENTION, 1897, pp.34-35). Pouco tempo depois, graças aos apelos de outros missionários da convenção, ele passou a ser financiado e foi ordenado pastor em Pernambuco.

Entrementes, Ginzburg ofertou outro interessante depoimento em Abril de 1899, quando constatou a existência de congregações de fieis em Santarém (Pará) e Manaus. Este indício abre margem para abordagens de viés social-econômico, uma vez que esses novos conglomerados de religiosos provavelmente nasceram de comerciantes de livre iniciativa (GUILHON, 1979; DIAS FILHO, 2011), como preconizava Quillin duas décadas antes:

Com incentivos de transporte livre e proteção imperial, em breve não irão os pioneiro anglo-americanos agrupar o trópico sul com os desenvolvimentos de sua indústria e empresa? [...] Venha enquanto a maré da imigração está se movendo para o Oeste, no intuito de tomar posse das ricas terras do Brasil. A imigração está em progresso (QUILLIN, 1880, pp.10-11).

A propaganda pelas missões, porém, ocultava certas dificuldades. Havia um mal estar entre católicos e protestantes no país, além de casos de perseguição: para os americanos, a intolerância no Brasil era intensa, principalmente para com os missionários:

Era esperado pelos amigos do Brasil que o estabelecimento de uma república e a adoção da excelente constituição e leis que a acompanham levasse ao fim da perseguição legal aos missionários Cristãos. Mas parece que ainda há coisas a serem feitas pelo partido liberal do país para completar o trabalho que eles só começaram a realizar. A seguinte carta do Bro[ther/Irmão]. Z.C. Taylor demonstra como o Romanismo usa toda vantagem que ele pode para perseguir o missionário e retardar o trabalho das missões. Mas esperamos que este caso seja um em muitos, tão frequente na história do passado, onde um bom homem tenha sofrido injustamente de maneira que a atenção do povo amante da liberdade seja deformada às leis arbitrárias e injustas de seus livros estatutários, que eles possam ser estimulados a mais completamente providência da perfeita liberdade” (SOUTHERN BAPTIST CONVENTION, 1893, pp. 199-200).

Sobre esta última, é possível perceber mais uma vez o discurso da superioridade de raça presente entre os missionários batistas que atuaram no Brasil, pois os

missionários acreditavam que o Cristianismo não era apenas uma religião, mas um benefício civilizador para todos os povos. Por pensar e expressar essas ideias em jornais e nas cerimônias religiosas, casos de prisão e reações violentas foram registradas (MARSDEN, 2001, p.125; SOUTHERN BAPTIST CONVENTION, 1893, pp.199-200).

Apesar dos entreveros, Eric Nelson permaneceu no trabalho missionário e, tempos depois, mudou-se para Manaus, com o intuito de fundar a primeira Igreja Batista da cidade. A mudança de Nelson não foi fruto apenas de um interesse salvífico da humanidade desordenado. Num artigo para o Jornal da Convenção de Março de 1904, o missionário W.E. Entzminger explicou a importância da borracha para a crescente indústria mundial. Os seringais teriam sido comprados “por consórcios ingleses e americanos”. Ademais, os interesses globais na borracha promoveram, aos olhos desses americanos, duas cidades: Pará (um erro para Belém) e Manaus. Elas foram tomadas como as mais modernas e prósperas cidades do Brasil, onde mercadores se tornaram ricos ao fornecer borracha aos europeus e estadunidenses (SOUTHERN BAPTIST CONVENTION, 1904, pp.312-313).

Além da relevância do ciclo da borracha na transição do século XIX para o XX, tal como seu papel como principal *commodity* amazônico em época, tal como a abundância de terras para plantio e criação de gado na região, é preciso considerar o verdadeiro plano de evangelização centrado na missão batista na Amazônia brasileira. Como tentei sublinhar antes, é impossível considerar o aspecto econômico do “empreendedorismo saxão” e ignorar a parcela religiosa, e vice-versa.

Assim, o missionário J.E. Hamilton, que vivia em Manaus em Outubro de 1903, atestou noutro artigo do jornal das missões que

de Manaos [sic] alguém pode ir até as proximidades da fronteira da Guinéa [sic] Britânica, Venezuela, Colômbia, Equador e Bolívia, e até o Acre e Peru. Alguém pode denotar facilmente que quem entrar primeiro nesse trabalho terá grandes vantagens. Mas esse não é o ponto principal [...] Essas pessoas tem sido treinadas no Romanismo [sic], mas até a presente data não há muitos clérigos entre eles. Mas isso não continuará assim; muitos clérigos, freiras e jesuítas, expulsos de outros países, estão indo ao Brasil, e vão em grandes quantidades ao interior (SOUTHERN BAPTIST CONVENTION, 1903, p.147).

Além de manter associados os planos religiosos e econômicos, o texto de Hamilton traçou o plano evangelizador a ser empreendido pelos missionários na porção Norte da América do Sul: a ideia seria usar Manaus como verdadeiro *hub* para os países vizinhos, que cobriria, diante da atuação distribuída de missionários, do Peru até o Nordeste brasileiro. Belém, por sua vez, seria um *hub* de distribuição para as missões no Norte brasileiro e nos estados vizinhos (Maranhão, Piauí e o Amapá).

Conclusões

Como é possível notar, um dos fatores que motivou a vinda dos missionários batistas do Sul dos Estados Unidos foi a pretensa origem anglo-saxã, além da ideia de “destino manifesto” do povo americano em levar a mensagem cristã e a civilização ao mundo, incluindo o Brasil e suas partes mais esquecidas e desconhecidas. Na condição de povo “eleito”, esses missionários, além de outros americanos compelidos pela guerra civil americana, estabeleceram seus projetos pessoais e profissionais em terras brasileiras.

Dentro da estratégia discursiva missionária, uma das preocupações foi realçar essas “qualidades” do povo americano, que serviriam como impulso para o desenvolvimento do país. Seu tino comercial e industrial estaria conectado com qualidades de sangue, transmitidas de geração a geração desde o período medieval.

Esse aspecto é ainda mais nítido para a situação da Amazônia brasileira, espécie de vazio durante o fim do Império e início da República brasileira. A ação relativamente livre de agentes religiosos americanos possibilitou não apenas a vinda desses homens e mulheres, mas também a formação de comunidades religiosas e das primeiras igrejas protestantes no Norte do Brasil.

Ao considerar os impactos apontados nessa experiência missionária, percebi como foi relevante ter alguma base sobre os saxões e as migrações germânicas da Primeira Idade Média. De fato, a crença na origem e qualidades desse povo foi um dos principais motivadores das missões estadunidenses na América do Sul e no mundo, o que ressalta a importância da História Medieval para compreender até mesmo fenômenos religiosos e históricos no Brasil contemporâneo.

Referências

- ADAMS, Herbert Baxter *In: THE ENCYCLOPEDIA AMERICANA*. Disponível em archive.org Acesso em 29 fev 16).
- BURROW, John Wyon. Teutonic freedom and municipal independence *In: _____*. **A Liberal Descent: Victorian Historians and the English Pass**. Cambridge: Cambridge University Press, 1981, p.155-191.
- CRONON, William. Turner's first stand: the Significance of Significance in American history *In: ETULAIN, Richard W.(Ed.)*. **Writing Western History: Essays on Major Western Historians**. Reno: University of Nevada Press, 1991, p.70-84.
- DAWSEY, Cyrus; DAWSEY, James (Eds.). **The Confederados: Old South Immigrants in Brazil**. Tuscaloosa: The University of Alabama Press, 1995.
- DIAS FILHO, Ailton Gonçalves. **A imigração norte-americana e a implantação do protestantismo em Americana e Santa Bárbara d'Oeste**. Dissertação. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião/Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011.
- FREEMAN, Edward Augustus. **Some impressions of the United States**. London: Longmans Green, 1883.
- GUILHON, Norma de Azevedo. **Os confederados em Santarém: saga americana na Amazônia**. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1979.
- NASH JR., Robert N. Anglo-Saxon Supremacy and the Foreign Mission Board of the Southern Baptist Convention. *In: JOLLEY, Marc. A & PIERCE, John D. (eds.)*. **Distinctively Baptist: Essays on Baptist History**. Macon: Mercer University Press, 2005, p. 132-147.
- SOUTHERN BAPTIST CONVENTION. **The Foreign Mission Journal, 1850-1905**. Richmond: Foreign Mission Board, 1850-1905.
- STRONG, Josiah. **Anglo-Saxon Predominance**. 1891. Disponível em: < <http://xroads.virginia.edu/~drbr/strong.html> > Acessado a 03 de Agosto de 2015.
- WHITE, Lynn. The legacy of the Middle Ages in the American wild West, **Speculum** (40, april), 1965, p. 186-193.
- WILLIAMS, George Huntston. **Wilderness and Paradise in Christian Thought**. New York: Harper & Brothers, 1962.